

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO



Titãs da Civilização  
**Ocidental** 2



Copyright © 2020 Brasil Paralelo  
*Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo*

**Editor Responsável:** Equipe Brasil Paralelo  
**Revisão ortográfica e gramatical:** Equipe Brasil Paralelo  
**Projeto de capa:** Equipe Brasil Paralelo  
**Produção editorial:** Equipe Brasil Paralelo

---

Nogueira, Rafael

Titãs da Civilização Ocidental: Aula 2

ISBN:

1. História do mundo antigo

CDD 930

---

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.  
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

[www.brasilparalelo.com.br](http://www.brasilparalelo.com.br)

[contato@brasilparalelo.com.br](mailto:contato@brasilparalelo.com.br)

## **SINOPSE**

Nesta segunda aula, o professor Rafael Nogueira traz os exemplos de Benjamin Franklin e José Bonifácio para demonstrar como as leituras podem transformar a vida de uma pessoa.

## **OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM**

Ao final desta aula, espera-se que você consiga entender o papel que as leituras tiveram na formação tanto de Benjamin Franklin como de José Bonifácio.

## **INTRODUÇÃO**

Começamos com uma aula de apresentação, na qual eu expliquei bem o que seria o curso. Ao mesmo tempo, eu expliquei também algumas técnicas de leitura para aqueles que quisessem, por ventura, ir lendo os livros indicados. Cada aula vai ser focada em alguns livros que indiquei, os quais estarão disponíveis para os alunos do Núcleo de Formação.

Apenas para fazer uma síntese da aula anterior, este curso é uma viagem pelo tempo e pelo espaço. Viajamos pelo tempo porque vamos dos antigos gregos, livro por livro, passando pela Roma antiga, pela Idade Média, por vários modos de enxergar a modernidade, até chegar na contemporaneidade brasileira. Também é uma viagem geográfica porque vamos da Grécia para península itálica. Depois, viajaremos por vários países europeus até chegar ao Brasil.

Essa viagem é um recorte interessante para nós, porque nós, brasileiros, precisamos nos conhecer melhor. Temos trabalhado muito o Brasil e conhecê-lo também é conhecer suas raízes espirituais e intelectuais, as raízes que criam a ideia de Brasil, o ideal brasileiro, o espírito brasileiro.

Eu encontrei nas terras longínquas da velha Grécia muitas respostas. É claro que é possível fazer outros caminhos, mas eu considerei, na minha experiência de professor, esse caminho o mais adequado para uma primeira experiência com os grandes livros.

Eu selecionei aqueles livros que são mais simples, ou seja, são passíveis de compreensão por pessoas que nunca tiveram contato com esse tipo de literatura e que, ao mesmo tempo, trazem o maior benefício. São livros que trazem muitas ideias novas, apesar de sua longevidade, e que trazem uma compreensão muito ampla da realidade. Eles aumentam nossa capacidade de inteligência.

Esta aula tem um tema um tanto genérico, mas vai ter um foco nos livros. Para hoje, eu selecionei a autobiografia do Benjamin Franklin e uma biografia do José Bonifácio. Eu escolhi essa biografia justamente porque é uma das mais simples, tendo em vista a ideia de tornar possível e acessível, aos alunos interessados, as leituras indicadas. Essa biografia é relativamente curta, é uma boa síntese e, no início, tem uma apresentação muito interessante a respeito da importância das biografias para o conhecimento de história. Além disso, no primeiro capítulo, apresenta um quadro geral da história que antecipa a vida de José Bonifácio, trazendo muitas informações sobre a história. O livro se chama “José Bonifácio: razão e sensibilidade: história em três tempos”, homônimo ao livro da Jane Austen. A autora, Berenice Cavalcante, traz essa dicotomia. Berenice está tentando interpretar a palavra razão como os iluministas a interpretavam. Isto é, a razão científica, autoconfiante, que pretende explicar tudo e pretende, também, ir à prática segundo os seus ditames. Ou seja, é a razão que tem a ousadia de querer entender tudo e, ao mesmo tempo, de querer mexer em tudo. Essa concepção é claramente iluminista e já tivemos muitos problemas na história por causa dessa ideia de razão. O Bonifácio de fato tinha um pouco disso. Com a palavra sensibilidade que, para muitas pessoas, sugere somente um compactado e emoções, Berenice está tentando mostrar que Bonifácio também se voltava à tradição e à cultura clássicas.

Essa foi a minha ideia. José Bonifácio como uma mente racional do estilo científico de hoje, com base iluminista. Ele é um homem dos séculos 18 e 19, mas também tem sensibilidade, advinda daquele ideia artística, um tanto romântica e clássica, de obediência a parâmetros clássicos de estudos e a parâmetros clássicos de estética. Bonifácio reclamava por achar que, quando estudava ciência demais, ficava com os textos feios e obscuros. Nessas circunstâncias, para melhorar sua capacidade linguística, voltava a ler Cícero, Sêneca.

Embora o foco esteja nos livros, para essa viagem ser completa, não podemos nos restringir a eles. Por isso, e uma vez que cada livro tem um encaixe na história, começaremos descobrindo o quadro histórico das obras. É preciso explicar aquilo que não está no livro, mas que é necessário para uma compreensão aprofundada deste.

### **O plano desta aula**

A nossa aventura de hoje começa com a formação dos Estados Unidos, a independência das colônias britânicas da América. Depois que estivermos com esse

quadro formado, vou encaixar, neste cenário, o Benjamin Franklin. Aí vamos trabalhar o gênero literário autobiografia e, depois, analisarei o livro propriamente. Posteriormente, falarei do livro da Berenice, do gênero literário dela, o enquadramento histórico e, depois, do José Bonifácio.

O meu objetivo com esses dois personagens, Benjamin Franklin e José Bonifácio, é mostrar para vocês que mediante a leitura dos grandes livros é possível fazer grandes coisas, é possível desenvolver uma grande personalidade e uma cultura extraordinária.

A nossa educação está sendo muito questionada hoje em dia, e esse modelo de curso fez surgir grandes homens e grandes mulheres. Eu não usei grandes homens e grandes mulheres à toa, mas porque quero lembrar também um pouco da Leopoldina. Antes de eu falar dos livros selecionados, vou mencionar outras pessoas de quem eu poderia ter falado, só para você saberem que estou consciente das minhas escolhas.

### **Outras alternativas**

Poderíamos ter falado igualmente de Leopoldina. Poucos sabem, mas Leopoldina era uma arquiduquesa austríaca, as quais eram criadas não somente para se transformarem em boas esposas, para conseguirem bons casamentos e para terem influência sobre determinados povos, mas também para serem inteligentes e terem influências independentes, inclusive. Só para vocês terem uma ideia, Leopoldina conviveu com Goethe, com Beethoven e cresceu ensaiando teatro, memorizando vários textos. Isso era uma tradição familiar. Havia apresentações teatrais entre eles, usando muitas peças de Shakespeare.

Além da Leopoldina, podíamos ter falando de Abraham Lincoln, presidentes do Estados Unidos que ficou famoso por ter conseguido manter a união do país. O Lincoln era um lenhador que se educou porque tinha uma biblioteca com livros muito selecionados em sua casa, os quais ele fazia questão de ler. Lincoln gostava de ler e tinha o hábito de ler.

Vejam bem. Eu falei que não é só ler, é ler livros selecionados, por isso estou ajudando vocês com a seleção.

Na verdade, os adolescentes leem muito hoje, mas são os *chats* da internet, *twitter*, *facebook*. O problema é que o jovem está lendo porcaria. Ele lê gente que escreve mal. Isso não faz bem. Ele não renova muito as ideias. Ele renova a

saciedade da curiosidade sobre a vida dos outros. Isso não eleva a própria capacidade cultural dessa pessoa, a inteligência dessa pessoa. A seleção do que ler é extremamente importante.

Além do Lincoln e da Leopoldina, poderia falar do próprio professor Olavo de Carvalho. Não é um homem que foi para o ensino regular, para o ensino formal. Ele é um homem que se educou, soube selecionar os livros. Desde criança parecia que ele tinha uma certa sensibilidade de rechaçar os livros ruins. Ele acabou fazendo uma ótima seleção e depois construiu uma biblioteca invejável.

São várias pessoas que se educaram pelos grandes livros. Hoje, queremos dar o mostruário do Benjamin Franklin e do José Bonifácio. O que eles fizeram de grande? Por que temos de prestar atenção na trajetória destes dois? Para entender porque considero essas duas personalidades interessantes para que nos espelhemos, em alguma medida, fazendo as adaptações necessárias, quero deixar claro o que esses homens fizeram.

Começaremos por uma síntese das realizações de Benjamin Franklin, uma vez que seu nascimento antecede o de José Bonifácio.

## **BENJAMIN FRANKLIN**

### **As invenções**

Ao longo de sua trajetória, Franklin realizou algumas criações importantes. No mínimo, é preciso saber que ele ajudou a construir os nossos conhecimentos a respeito da condução da eletricidade. No entanto, seus feitos não se restringem a isso. Foi ideia do Franklin a criação de um sistema de brigada de incêndio, o corpo de bombeiros. Ele também foi responsável por criar bibliotecas públicas, com uma espécie de assinatura. A partir disso, suas bibliotecas foram replicadas em outras cidades. Cabe a Franklin, igualmente, a invenção dos óculos bifocais.

Benjamin Franklin também foi um dos responsáveis por unir os grupos britânicos que estavam na América. As colônias eram relativamente separadas e, por ocasião da guerra, Franklin conseguiu unir a todos. Portanto, ele é um dos pioneiros da ideia de Estados Unidos.

Acima, mencionei ideias científicas, ideias bem técnicas e ideias sociais e políticas.

## **A família**

Em qual cenário tudo isso se desenrolou? Franklin era o décimo quinto filho de uma família pobre. Ao todo, seus pais tiveram dezessete filhos, os quais não tinham condições de sustentar quando pensamos na ideia de infância presente nos dias atuais. Para prover a família, o pai de Franklin fabricava sabonetes e velas, negócio com o qual os filhos precocemente começavam a colaborar. Eram tantos filhos que, infelizmente, um deles faleceu por descuido. Um dia, as crianças estava tomando banho e o bebê foi esquecido durante um tempo, morrendo afogado.

Eu estou enfatizando esses aspectos para que seja possível perceber que Franklin estava em uma situação que nós, brasileiros, muitas vezes consideraríamos difícil. Nós temos o hábito, por educação, de percebermos o quão sofridos somos para que reclamemos de quem nos explora. É uma ideia que às vezes está no consciente, às vezes, não. Simplesmente repetimos e agimos assim.

Apesar das dificuldades mencionados, Franklin conseguiu prevalecer sobre essa circunstância. Ele entendeu que havia um grande segredo para essa sua conquista e resolveu contar para todo mundo a respeito. A primeira pessoa para quem Franklin desejou transmitir esse segredo foi o seu filho. Por isso, escreveu uma autobiografia.

O filho de Franklin desfrutava da posição de Governador-Real de Nova Jersey, que estava longe de ser insignificante. O título Governador-real era usado porque estava abaixo do rei George III da Inglaterra. A autobiografia escrita por Franklin para seu filho tinha dois propósitos: fazer com que seu filho conhecesse melhor a sua vida e também fazer com que conhecesse os segredos do sucesso.

Para completar esse cenário, Franklin fez um esforço para saber quem era sua família, identificando de onde vieram os Franklin e por que eles estavam ali. Apesar de ter ficado conhecido por ter feito a Filadélfia, na Pensilvânia, crescer, Franklin nasceu em Boston, hoje capital de Massachusetts. Na época, Massachusetts já era uma colônia interessante, a qual havia sido formada por fugitivos de perseguição religiosa. Neste caso, os puritanos. A família de Franklin correspondia a esse estereótipo. Franklin estudou seus ancestrais e compartilhou com o filho que achava interessante essas anedotas de família tanto para conhecer a sua origem quanto para reparar como, muitas vezes, repetimos os comportamentos e histórias de nossas ancestrais.

Achei isso muito legal porque também aprendi com o psicólogo húngaro Szondi, a partir da dica do professor Olavo de Carvalho, que tendemos a repetir a vida dos nossos ancestrais.

Franklin descobriu que, na família dele, as pessoas eram independentes, intrépidas e que não se curvavam ao governo. No caso, essas características estavam vinculadas à perseguição religiosa. Franklin demonstrou isso contando que seus ancestrais abriam buracos embaixo dos bancos para que pudessem esconder as bíblias quando as pessoas chegassem. Assim, era possível esconder que a bíblia estava circulando por ali.

O José Bonifácio fez algo parecido. Ele fez algo chamado habilitação de genere, a qual lhe permitiu travar amizade com pessoas importantes. A família de Bonifácio queria que ele se tornasse padre e, para isso, era preciso mostrar a ancestralidade, a fim de assegurar que não havia sangue muçulmanos e assemelhados. Com isso, Bonifácio identificou alguns primos. Um deles era o Conde de Linhares, um dos assessores principais de D. João VI, extremamente importante. Além deste, o Duque de Lafões, que conseguiu para Bonifácio uma bolsa de estudos. Lafões e Bonifácio tinham uma ancestralidade em comum e se apresentavam como primos de grau muito distante. Isso ajudou Bonifácio a se aproximar das pessoas.

Perceba, portanto, que esses dois homens tiveram interesse no tema da ancestralidade.

Voltando à Franklin. Massachusetts era composta por famílias que tiveram que fugir da Inglaterra devido à perseguição religiosa. A Inglaterra passou, por muito tempo, por transições de governos. Neste período, a anglicana foi a que se manteve por mais tempo no poder. O anglicanismo teve início com o Henrique VIII. Após a sua morte, houve o retorno ao catolicismo romano. Posteriormente, com a rainha Elizabeth I, a Igreja anglicana se mantém. Antes disso, já havia ocorrido muitas guerras religiosas. Era uma tendência, na Inglaterra, existir perseguições religiosas. Quem estivesse no poder perseguia o adversário. Por isso, nas colônias britânicas da América, as quais hoje chamamos de Estados Unidos, havia Maryland, a terra de Maria, de católicos romanos, e Massachusetts, claramente puritano, para onde a família de Franklin emigrou.



## A colônia

Para que o cenário fique completo, farei uma síntese de alguns aspectos da América. Na época, a América britânica era formada por treze colônias, as quais estavam localizadas a leste, ou seja, aquelas porções de terra ligadas ao litoral.



O lado oeste foi transformado em Estados Unidos somente muito posteriormente, tanto pela corrida pelo ouro quanto por compra de território. A Louisiana, por exemplo, foi comprada.

As colônias hoje são estados. As colônias tinham características muito marcantes, muito específicas. A Virgínia, cujo nome homenageia Elizabeth I, a rainha virgem, era uma das colônias mais tuteladas pelo governo inglês. Maryland e Massachusetts tinham as características mencionadas anteriormente. Como Franklin nasceu em Massachusetts, viveu em um ambiente de tradição forte, no sentido de uns observarem aos outros para cuidar se os preceitos religiosos estavam sendo cumpridos adequadamente. Era uma cultura calvinista mesmo, não só no mal sentido, no bom sentido também. As pessoas eram muito dedicadas, muito trabalhadores, e, moralmente, eram muito corretas. Possuíam todo estereótipo que conhecemos, o qual corresponde igualmente ao Franklin.

## **A escrita**

Pouco tempo depois de trabalhar com seu pai, Franklin percebe que não quer seguir a mesma profissão. Na época, o irmão dele abriu uma empresa de tipografia. Além de ter um jornal pequeno, ele fazia impressões sob encomenda.

Franklin queria publicar alguns textos próprios. Ele foi percebido como uma criança que, desde cedo, gostava de ler e escrever muito. O irmão de Franklin, no entanto, menosprezava-o. Como achava que não tinha capacidade para escrever, não aceitava nenhum texto dele.

Para desenvolver suas habilidades, Franklin convidou um amigo para que fizessem o seguinte exercício: eles selecionavam questões polêmicas e cada um precisava escrever um texto defendendo uma posição previamente estipulada. Assim, eles disputavam entre si. Posteriormente, Franklin passou a escrever textos para o seu irmão usando pseudônimos. Ele os depositava na caixa de onde as publicações eram selecionadas. Em certas ocasiões, Franklin presenciou seu irmão elogiando um texto seu, desconhecendo que era de sua autoria.

## **A leitura**

Mas, o que os livros tem a ver com isso? Para realizar leituras, Franklin procurava pessoas que tivessem livros e os pedia emprestados. Ele lia em seu horário de almoço e de madrugada, um pouco antes de dormir. Isso é interessante, pois, em geral, as pessoas dizem que não tem tempo para ler. Franklin observou e anotou que as pessoas saiam para almoçar e ou ficavam trocando conversas fúteis ou se embebedavam, quando não os dois juntos. Ele conta que procurar fazer um almoço rápido para empregar o restante do tempo em suas leituras. Como os livros eram um item caro na época, Franklin queria ler os livros com velocidade, para devolvê-los limpos devolver e rapidamente. Ele conseguiu se disciplinar a tal ponto que comia pouco. Ele começou a estudar sobre dietas e, durante cerca de dois anos, adotou uma dieta vegetariana. Ele queria comer rapidamente e de forma nutritiva. Sua alimentação consistia de pão, vegetais e legumes. Para beber, decidiu prescindir da cerveja e do suco e consumir somente água. Depois de algum tempo, abandonou a ideia do vegetarianismo e voltou a comer carne, mas sabemos que teve esse momento de preocupação.

Juntamente com aquele amigo, ele treinou a escrita de vários gêneros literários. Além do exercício da polêmica, gostava de tentar reprisar textos que

percebia como modelos. Ele selecionava os textos mais bem escritos, mais impactantes, mais claros, e os lia com muita atenção. Então, deixava-os de lado e escrevia sobre o mesmo assunto tentando imitar aquele estilo. Depois, comparava seu texto com o texto modelo, a fim de identificar as carências do seu. Na comparação, buscava identificar as razões para suas frases não terem ficado tão boas. Como percebia sutilezas, ele analisava se a questão era a frase ter ficado menor, mais clara, soar melhor, etc.. Concluída essa comparação analítica, Franklin refazia os trechos de seu texto que julgasse necessário. Os temas normalmente estavam relacionados com algum problema intelectual ou moral. Hoje, pensamos muito nos problemas sociais, mas, na época, não era assim. Os problemas morais tinham preponderância, sobretudo em uma colônia moralista como Massachusetts. Havia reflexão sobre como se comportar melhor, sobre como utilizar vestimentas mais adequadas. Os jornais eram quase um sermão.

Como vocês podem perceber, esse foi um processo autodidata, mas como Franklin foi alfabetizado? Ele frequentou a escola durante um tempo. Assim como Bonifácio estava sendo criado para ser padre, Franklin estava sendo educado para ser sacerdote. Ele, no entanto, desistiu dessa tentativa, pois percebeu que não a queria. Apesar disso, um dos livros que mais lia, e que usava como parâmetro, era os sermões de um pastor que o tio dele adorava. Mais tarde, Franklin concluiu que essa experiência foi boa para organizar sua escrita.

Gostaria de lembrar a todos que temos, em língua portuguesa, os sermões do Pe. Antônio Vieira, que são muito bons tanto para capacidade oratória quanto de escrita. O Pe. Antônio Vieira escrevia muito bem. Ele usava as imagens e apelava às emoções de uma forma muito boa. Além disso, tinha razões muito bem sustentadas. Portanto, temos em língua portuguesa um exemplo análogo ao do Franklin.

O que acontece com ele daqui para frente? A situação na qual Franklin estava era muito difícil, pois tinha muitos problemas com seu irmão, que acabou descobrindo que alguns textos eram dele. Esse mesmo irmão teve problemas com a justiça e Franklin assumiu a dianteira da empresa. Apesar de seus esforços, eles se desentenderam quando o irmão foi solto.

Essas dificuldades tremendas fazem com que Franklin almeje uma independência e decida se afastar do irmão. Por isso, ele fez uma viagem à Nova York e de lá vai para Filadélfia, onde se instala. A aventura dele até se tornar um grande dono de jornal, a "Gazeta da Pensilvânia", é longa, no sentido de que teve

maus parceiros, amigos com os quais quis empreender. Em certa oportunidade, um governador o enganou, oferecendo uma viagem para Londres a fim de cumprir determinadas finalidades. Franklin aceitou a oferta e, ao chegar lá, descobriu que nada estava pago. Ele não sabia como continuar a sua estadia por lá. São histórias assim. Apesar das intempéries, nesta ida à Londres, ele aprendeu muita coisa. Ele percebeu, por exemplo, que poderia importar maquinário para os Estados Unidos e usá-lo para empreender. No meio de todos esses acontecimentos, sempre estava fazendo leituras.

### **As referências**

E o que Franklin lia? Uma das obras que menciona, e que fica como dica para vocês, é um livro de apologia a Sócrates escrito por Xenofonte, um dos homens que presenciou a defesa de Sócrates perante o tribunal ateniense. Franklin fala muito desse livro, pois chamou muito sua atenção. Eu não acho que essa obra seja melhor que a de Platão, no entanto, tratava-se de uma limitação da época: este foi o livro que chegou às mãos dele. Ele achou esse livro fantástico principalmente pela forma como Sócrates conseguia desmontar seus oponentes sem humilhar, sem usar palavras que fossem agressivas demais, fazendo com que pessoa parecesse tola diante dos demais, mas sem focar na agressividade, focando somente na verdade.

Franklin acordou com aquele amigo com o qual treinava os textos polêmicos que divergissem sem utilizar palavras como indubitavelmente, certamente, sem dúvida alguma. Essas expressões deviam ser tolhidas do discurso para que a arrogância deles não ficasse na frente do desejo de conhecer a verdade e para que o desejo de persuadir a qualquer custo não ultrapassasse a tentativa de persuadir racionalmente. Então, ele vai criar essa maneira. Sabemos que isso vai ser muito útil para Franklin posteriormente, pois se tornou responsável por conseguir, como diplomata, ajuda francesa para a guerra da independência.

Percebam como um livro lido durante sua juventude transformou sua maneira de escrever, sua maneira de divergir, sua maneira de polemizar, transformando-o, no futuro, em um grande diplomata. Com isso, percebam que o proveito que se faz de uma boa leitura é importantíssimo.

## O juntos

Depois de voltar de Londres, Franklin consegue se tornar um grande empresário. Passado um tempo, ele fundou um grupo de autoaprimoramento e de aprimoramento mútuo chamado "Junto". O nome advém da palavra "junta", em língua espanhola, que significa reunião. Esse grupo, ao mesmo tempo que quer melhorar e se aprimorar em diferentes aspectos, quer influenciar. Os participantes se reuniam em jantares nos quais respondiam a determinadas perguntas voltadas ao treinamento intelectual. Leremos algumas questões desta lista.

- 1) Você encontrou alguma coisa de importante no último autor que você leu? Alguma coisa marcante que possa ser comunicada e transmitida a todo grupo, particularmente a história, moralidade, poética, física, viagens, artes mecânicas ou outras partes do conhecimento?

Isso é um compartilhamento de leitura. Percebe-se que eles estão interessados em vários âmbitos de estudo. Notem que ele elenca viagens. Franklin viajou muito e, a título de comparação, José Bonifácio também, pois foi um homem que viajou por quase toda a Europa.

- 2) Que nova história você ouviu ultimamente que seja agradável de contar em uma conversa?

Franklin tomava o cuidado de reunir histórias interessantes, histórias edificantes.

- 3) Algum cidadão que você conheceu falhou em seu negócio ultimamente? Você conheceu a causa?

Isso porque, se alguém faliu e você descobre a causa, você pode evitá-la. É simples.

- 4) Você ouviu que algum cidadão tenha obtido grande sucesso e por quais meios?

Esta está relacionada com a pergunta anterior, só que foca no lado contrário, nas causas que levaram alguém a obter sucesso.

- 5) Você conheceu algum homem muito rico e descobriu como ele chegou lá?

- 6) Notou alguma ação valiosa, alguma ação moral, que tenha destaque e que deva ser considerada para imitação?

Notem a busca por um comportamento bom, um comportamento louvável, para imitação. O inverso também está presente:

- 7) Alguém que você tenha observado cometeu algum erro que causou uma sensação muito ruim ou que tenha sido um erro claro, que seja possível de conhecermos para evitarmos sua repetição?

Franklin também aborda virtudes específicas, como os efeitos da temperança, da prudência, da moderação, entre outras. Daqui a pouco, trataremos do relacionamento do Franklin com as virtudes, para que vocês possam entender como esse era um tema caro para ele.

Nestas questões mencionadas, Franklin também perguntava se alguém havia sofrido algum ataque de reputação que o junto, o grupo, pudesse ajudar a reaver, a recuperar. Ainda, se tinha algum amigo que reconhecesse uma pessoa admirável, de grande capacidade, a qual quisesse aproximar do grupo.

De alguma maneira, os membros do grupo estão tentando adquirir juntos muitos mais conhecimentos, mais riquezas, mais meios de prosperar e mais virtudes. Eles querem se melhorar e querem se reunir com pessoas melhores.

Eu acho isso extremamente interessante. O tempo livre é um patrimônio. O jovem tem um tempo enorme que, às vezes, é jogado no lixo de uma maneira inútil. Eu, que sou mais velho, fico até comovido, pois o sujeito está jogando vida fora. Por que não fazer algo parecido? Não precisa ser igual, mas é possível reunir um grupo de autoaprimoramento para que possam estudar juntos, para que possam se aperfeiçoar em algumas virtudes e coisas do gênero.

Para ingressar ou se manter no juntos, a pessoa também tinha que responder a quatro perguntas específicas de uma forma adequada. Eram essas perguntas:

- 1) Você tem algum motivo para desrespeitar algum dos membros presentes?

A pessoa tinha que dizer não, caso contrário, não era aceita.

- 2) Você declara, com sinceridade, que você ama a humanidade, de qualquer profissão ou religião?

E tinha que dizer sim, senão, não era aceito.

- 3) Você acha que as pessoas que estão feridas, em seu corpo, em seu nome ou em seus bens, por opiniões especulativas, devem ser vistas por essas dificuldades?

Também era preciso responder que não, que a pessoa não devia ser observada por suas dificuldades e suas carências.

- 4) Você ama a busca da verdade de forma imparcial, acima da sua autoproteção, da defesa do seu orgulho e tem o desejo de comunicá-la aos outros?

Ou seja, verdade conhecida, verdade comunicada. Essa pergunta também devia ser respondida afirmativamente.

Enquanto essas últimas perguntas eram uma exigência para participar do grupo, as primeiras eram feitas nos encontros, para que eles pudessem sair destes melhores do que entraram.

### **As virtudes**

Conforme eu mencionei, as virtudes eram um tema caro a Franklin. Para se auto aprimorar, Franklin selecionou treze virtudes e as elencou em um quadro, no qual controlava como estava se saindo na sua busca por perfeição moral. Ele escolhia uma virtude para ser trabalhada ao longo de um período determinado e, caso quebrasse seu pacto com essa virtude, isso era assinalado com uma marca no quadro. Vamos dar uma olhada em quais eram essas virtudes e quais frases utilizava para defini-las:

1ª) Temperança: temperança é não comer até o embrutecimento nem beber até a embriaguez.

2ª) Silêncio: não falar senão do que pode ser benéfico para os outros ou para nós mesmos e evitar as conversações frívolas.

Achei interessante ele apontar o silêncio, pois Franklin era um jornalista e fofocava bastante. De qualquer forma, temos que compreender que ele colocou como um ideal a perseguir. Inclusive, ele mesmo falava depois ironicamente a respeito de si.

3ª) Ordem: um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar. Destinar uma hora para cada uma das nossas tarefas.

Franklin considerou essa a tarefa mais difícil de todas para ele. Ele se beneficiava de ter uma memória boa tanto para saber onde estavam seus pertences quanto para, de repente, resolver problemas com muita velocidade. À medida que foi ficando mais velho, e a memória mais curta, ele reparou que a falta do hábito da ordem foi horrível para ele.

4ª) Resolução: resolver cumprir o que é dever e cumprir, sem falhar, o que se resolve.

5ª) Frugalidade: não fazer despesas se não em benefício próprio ou em benefício de outrem, isto é, não desperdiçar.

Imagine quais são hoje as características que você vê em uma esposa. Eu só vi Franklin elogiar a sua esposa pela frugalidade, ou seja, por ela não gastar muito. Foi o maior elogio que o vi fazer à sua esposa.

6ª) Aplicação: não perder tempo. Ter sempre em mãos qualquer trabalho útil. Suprimir todas as ações desnecessárias.

A virtude da aplicação lembra a virtude da diligência. Trabalhar muito, constantemente, não perder tempo.

7) Sinceridade: não recorrer a ludíbrios prejudiciais. Pensar sem ideia pré-concebida e com justiça e, ao falar, fazê-lo de conformidade com este princípio.

8ª) Justiça: não prejudicar ninguém fazendo o mal ou omitindo benefícios que constituem o nosso dever.

9ª) Moderação: evitar os extremos, abster-se de qualquer ressentimento pelas injúrias, na medida em que as consideramos merecidas.

10ª) Limpeza: não tolerar falta de limpeza no corpo, no vestuário ou na habitação.

11ª) Tranquilidade: não se perturbar com insignificâncias nem com acidentes correntes e inevitáveis.

12ª) Castidade: usar raramente do prazer da carne, e apenas para benefício do organismo, e tendo em vista a descendência. Jamais até o embrutecimento, ou ao debilitamento, ou em prejuízo da própria paz e reputação ou da paz e da reputação de outrem.

Sobre essa questão dos prazeres da carne, Franklin tem um livro, que está traduzido para o português, com algumas cartas e trechos de jornal falando do amor.

13ª) Humildade: imitar Sócrates e Jesus.

Eu sempre acho muito interessante Franklin mencionar, na humildade, que é para imitar Sócrates e Jesus. Parece uma contradição, mas, na verdade, faz sentido. Vejamos o exemplo de Sócrates primeiro. Sócrates foi tão grande porque soube admitir a sua ignorância. Não era uma falsa ignorância, ele não estava fingindo não saber. Muitas vezes, ele não sabia mesmo. Com isso, estava fazendo questão de dizer o tamanho da sua ignorância.

E você está aí, fingindo que sabe o que não sabe.



Jesus Cristo, acredito não precisar explicar. Pelo menos do ponto de vista cristão, sendo Deus fazer-se homem, já é humildade para caramba. A imitação de Jesus Cristo, por mais que desde um ponto de vista superficial pareça arrogância, é adequada. Do ponto de vista cristão, repito, sendo Jesus Deus feito homem, então Deus é modelo de homem. É para ser imitado.

Em relação ao livreto que mencionei na virtude da castidade, é interessante observar que ele fala muito da reputação, tanto própria quanto de outra pessoa. Em uma carta endereçada a um amigo, que foi publicada, Franklin lhe concede o conselho de evitar as moças muito jovens, porque elas causam problemas e podem engravidar. Ele afirma ao amigo que fará mal a ele e às moças e que as mais velhas não envelhecem como ele pensa. Franklin prossegue que, mesmo que o rosto aparente, garante que o restante, na maioria dos casos, vai estar preservado. Ele segue explicando em detalhes, que não vou reproduzir, e diz ainda que as mais velhas ainda vão ficar muito gratas. Eu quis trazer essa anedota para vocês conhecerem o humor do Franklin. Os textos dele são muito engraçados.

Antes de falarmos sobre o Bonifácio, quero comentar, como último ponto, que Franklin escreveu um livro ensinando as pessoas a enriquecerem. O almanaque do pobre Ricardo, em inglês "*poor richard*", era o segredo da economia pessoal. Existe tradução, pelo menos, para o português de Portugal. Não sei se há uma tradução para o Brasil. O livro é como se fossem historinhas mesmo, como um gibi do Mickey. Nessas histórias, ele vai mostrando por que uma pessoa enriqueceu e por que outra empobreceu.

## **Os desdobramentos**

E o que aconteceu com Franklin?

Franklin fundou um jornal que competia intensamente com outro, maior do que o dele. Ele conseguiu vencer a competição com esse concorrente e firmar acordos com o governo para realizar a impressão de documentos oficiais e até notas de dinheiro. São tantos acordos firmados, e a empresa cresce tanto, que Franklin se torna um dos homens mais ricos da época a ponto de, aos cinquenta anos, ter dinheiro para se sustentar para o resto da vida. Com isso, ele resolveu parar de trabalhar e se dedicar aos estudos e a outros temas relativos ao seu aprimoramento geral, presentes no grupo juntos.

Por coincidência, pouco depois, estourou a guerra da França contra a Inglaterra, a qual gerou repercussões na América. A partir daí, Franklin começou a escrever muito com o intuito de unir as colônias. Ele organizou corpos militares, foi à guerra e inclusive anteviu o que iria acontecer. Suas conjecturas eram publicadas no jornal. Muitas de suas previsões estavam corretas.

As pessoas que estuda muito, e que tem uma visão pré-clara, muitas vezes parecem estar enchendo a paciência, mas não é isso. No mínimo, temos que considerar o que tem a dizer, ainda que possam estar erradas.

Em certa ocasião, por exemplo, Franklin apontou que o corpo militar não deveria tomar o caminho que havia sido traçado pois, devido às características dos indígenas da região, o plano não daria certo. Suas sugestões não foram ouvidas e o plano foi adotado normalmente. Todos morreram.

É importante perceber como Franklin foi se transformando em uma figura de liderança. A Inglaterra venceu a guerra contra a França, mas teve prejuízos, os quais tentou recuperar através do aumento de tributos em produtos comercializados com a América. Os ingleses estipularam que a América só poderia comprar o chá da Inglaterra, o qual estava sobretaxado. Os americanos não tinham representação no parlamento. A tentativa de aumentar os impostos engendrou manifestações de rua na Virgínia, com a alegação de que não pagariam aqueles tributos sem terem representação no parlamento. Em Massachusetts, os protestos foram mais violentos. Eles derrubaram um navio com cargas de chá, alardeando que transformavam o mar em bule, mas não aceitavam mais tomar chá.

Isso fez com que os americanos passassem a consumir café, o que beneficiou muito o Brasil.

Os ingleses estavam cobrando impostos sobre tudo. Disso, surgem problemas graves, a ponto de o governo inglês proibir, o exercício da advocacia e do poder judiciário em Massachusetts. Em decorrência dessa imposição, todas as causas tinham de ser enviadas à Inglaterra.

É a mesmíssima circunstância que acontece no Brasil, quando a Revolução do Porto impediu que o Brasil tivesse o seu meio judicial funcionando.

Com o processo de independência, a Filadélfia se transforma na sede do Congresso Continental. Franklin foi o homem que conseguiu unir as mais diversas personalidades. Recomendo, para quem quer ver isso de uma forma encenada, a série "John Adams". Evidentemente, a série está centrada em Adams, mas Franklin

é mostrado em sua grandeza. Depois, essas duas figuras tentam competir. Na série, eles mostram um pouco da pequenez do Franklin. Ele se considerava tão superior por essa sua capacidade de comunicação, por sua experiência, que acabava menosprezando o Adams.

Sobre o Franklin, basicamente é isso.

## **JOSÉ BONIFÁCIO**

### **Recomendações complementares**

Eu não quero tornar essa aula exaustiva para aqueles que já tiveram contato com outras falas minhas a respeito do José Bonifácio. Por isso, recomendo, a quem ainda não o fez, que assista aos episódios 3 e 4 da série “Brasil - A Última Cruzada”, ao filme “Bonifácio - o fundador do Brasil”, e leia este livro que eu selecionei, no qual vocês podem vislumbrar essa dicotomia entre o Bonifácio racional e cientista e o Bonifácio que estuda os clássicos.

### **O novo livro**

O que eu quero comentar com vocês nesta aula é uma novidade total. O novo livro “As vidas de José Bonifácio”, escrito por Mary Del Priore, está chegando em todas as livrarias. O meu chegou há pouco tempo. Além do contato com o livro, eu assisti à entrevista que a autora concedeu para o programa “Pânico” da Jovem Pan, e li sua entrevista para o jornal “O Globo”.

Quero sublinhar que Mary Del Priore está muito equivocada em muitas das informações.

Na entrevista a “O Globo”, por exemplo, ela afirmou que Bonifácio não era poliglota, pois, além do português, falava somente inglês. Contudo, nos séculos 18 e 19, o inglês nem era língua de cultura, não era uma língua falada por muita gente. A língua de cultura daquele período era o francês. Ademais, o Bonifácio tinha uma filha francesa e textos e mais textos escritos em francês. Barão de Eschwege, um alemão que veio para o Brasil, afirma em suas memórias que conversava com Bonifácio em alemão. O Bonifácio tem uma tradução completa do grego e, em seu diário, escrevia textos enormes em latim. Ele tem diplomas, dos quais eu tenho cópia, em vários idiomas, nos quais consta que Bonifácio concorreu a todas as aulas com grande mérito. Eu não consigo compreender de onde a autora tirou essa ideia de que

Bonifácio não era poliglota. A única justificativa para Bonifácio saber inglês naquela época, seria o fato de a sua esposa ser irlandesa. Contudo, esta ainda era muito pequena quando mudou-se para Portugal. Ela não falava inglês com ele. Na realidade, eu sequer sei se ela falava inglês. Bonifácio também não visitou a Inglaterra ou os Estados Unidos. Por isso, não consigo entender essa ideia de que ele falava inglês melhor do que as outras línguas.

Esse livro que indicou para vocês consta na bibliografia utilizada pela Mary Del Piore, mas eu não sei o que aconteceu, porque ela inclusive inverte algumas frases que a Berenice faz, muito importantes. O melhor do livro da Berenice, para quem já conhece a vida do Bonifácio, é realmente o posfácio, pois é onde está muito bem explicitada a dicotomia entre o homem que lê Sêneca, Cícero, Aristóteles, e, ao mesmo tempo, quer estudar os franceses mais recentes e memorizar as coleções mineralógicas mais novas do mundo. Berenice traz um texto em que Bonifácio pinta seu próprio quadro, no qual ele diz quem é. Esse texto foi escrito para um jornal da época, chamado “O Tamoio”, o qual pertencia a um amigo dele. O texto tem apenas uma página.

A esse respeito, Benjamin Franklin foi um homem que escreveu um livro enorme sobre si. Ao meu ver, ele trabalhou a própria imagem para que a posteridade o conhecesse assim. Essa é uma diferença entre a autobiografia e a biografia. A autobiografia, muitas vezes, é escrita com fins de cuidar com a própria reputação e fins morais. Um dos principais motivos de Santo Agostinho, por exemplo, foi catequizar. Claro, tem uma investigação filosófica e teológica ali. Franklin escreveu para educar o seu filho, mas também para educar a posteridade americana, dando o próprio exemplo. Aliás, ele está na nota de cem dólares. Valter Isaacson, escritor de biografia do Einstein e do Steve Jobs, também se dedicou à biografia de Franklin, ao qual deu o título “*Benjamin Franklin: an american life*”, ou seja, uma vida americana. Neste livro, Isaacson quer mostrar que Franklin é o espírito americano vivo. A autobiografia de Franklin, sua ideia de prosperidade, de fazer bem social, de participar politicamente, está muito presente.

Enquanto isso, Bonifácio escreveu apenas uma página. Como Mary Del Priore começa seu livro? Afirmando que José Bonifácio não foi tudo isso que os autores do século 19 aponta, porque estes só imitaram o que Bonifácio dizia a respeito de si mesmo. Ou seja, Mary Del Priore afirma que José Bonifácio construiu a própria imagem. Por isso, seria preciso desconstruí-la. Isso é um absurdo. José Bonifácio

escreveu somente uma página. Além disso, escrevia de forma erudita, um tanto difícil. Quero trazer uma prova de que isso não é verdade. Em um de seus artigos de jornal, Machado de Assis está refletindo sobre quem, em geral, é mais famoso, o escritor, o poeta, ou o político. Neste artigo, Machado afirma que José Bonifácio só é famoso e está na boca até do trabalhar da obra porque foi mais político do que poeta, pois, se tivesse sido mais poeta do que político, não estaria na boca do povo. Isso foi escrito no final do Segundo Reinado, no século 19, e José Bonifácio já estava na boca do povo.

Muitas vezes, os livros de história do ensino médio, e às vezes, até da universidade, transmitem a concepção de que só as elites agiram na independência do Brasil. O livro “Às armas, cidadãos”, cujo título remete à ideia do povo agindo, tenta resgatar, pelos papelinhos, a participação no processo de independência brasileiro. Os papelinhos eram pequenos bilhetes escritos à mão, com mensagens repetidas, que eram espalhados pela cidade a fim de defender certas causas. Por esses papelinhos, ficamos sabendo que existia até uma maneira pejorativa de se referir a quem gostava do Bonifácio. Esses grupos ou indivíduos eram chamados de bonifácios. Havia quem defendesse os bonifácios e havia quem os xingasse. E, para Mary Del Priore, quer dizer que José Bonifácio só ficou famoso porque construiu a sua autoimagem?

Mary Del Priore também menciona que, embora Bonifácio tenha viajado por vários países da Europa, nunca esteve nos locais onde ocorriam os principais acontecimentos. Lembremos que Bonifácio viajou para estudar. Ele foi para a Europa porque tinha uma bolsa de estudos. Em meus textos e nas minhas apresentações sobre o Bonifácio, nunca defendeu que este conheceu todas as pessoas que seus biógrafos afirmam. Eu também acho que há exageros. A própria Berenice, nesse livro que indique, afirma que Bonifácio conheceu Kant. Eu nunca vi uma única prova ou menção a esse contato dele com Kant. Eu nem acho tão vantajoso assim conhecer Kant, porque, na verdade, Kant não falava com ninguém. O pessoal ajustava o relógio de acordo com o horário que Kant passava na torre. Ele era todo regulado. Uma vez por semana, Kant almoça com alguém para saber como eram as pessoas comuns. Era um homem completamente estranho. Mary Del Priore está lutando contra quem diz que Bonifácio esteve em todos os centros dos acontecimentos. No entanto, ele tinha um diário de viagens e eu tenho cópias dos certificados dele. Esses certificados podem ser encontrados na coletânea de três volumes: “obras políticas, científicas e

sociais de José Bonifácio de Andrada e Silva” feita pela prefeitura de Santos. Lá, sempre consta que ele teve grande méritos nos estudos que fazia. Bonifácio precisava estudar, senão perdia a bolsa. O objetivo era estudar. Simples. Ele estudou com os grandes mestres da área dele, teve muito bom proveito, um aproveitamento excelente, isso está escrito nos documentos oficiais. Além disso, ele tinha um diário de viagem no qual observava todo resto, a religião das sociedades, as leis, os costumes, as características do idioma. Percebe-se que Bonifácio analisava tudo por onde passava. As afirmações de Mary Del Priore, de que Bonifácio só viajou e foi um frustrado, não tem nenhum sentido. Enfim, estou tentando mostrar para vocês que a visão dela é horrível.

É contrário da Berenice, que coloca no posfácio, com clareza, que é difícil sabermos como Bonifácio enxergava a si mesmo, porque só existe esse mísero texto do “Tamoio” no qual falava acerca de si. Ela mostra muito bem como Bonifácio conseguia ser uma espécie de cristão, estoico, e, ao mesmo tempo, iluminista e muito racional. Como Bonifácio conseguia ser dedicado à poesia, à tradução, à escrita, e também dedicado a descobertas científicas. Bonifácio descobriu doze minérios novos. Graças a ele, temos esses minérios catalogados. Em seu texto, ele próprio se definiu assim: “nascido com um temperamento fêrvido, reconheço que o meu primeiro movimento é uma doídice completa e atrevida, que tomo por nobre intrepidez”. Ele está se definindo como um homem que tem um temperamento muito difícil. O primeiro ato dele é de uma doídice completa, somente depois ele para para refletir no que fazer.

A Berenice continua o texto da seguinte maneira: “Ele mesmo reconhecia que não conseguira seguir, de modo suficiente como ele queria, os ensinamentos de Sêneca [ele tinha Sêneca como modelo de comportamento] e, depois, sendo incapaz de submeter as paixões, vivendo constantemente a tensão entre razão e sensibilidade. Do modelo estoico, restaria a postura ética, segundo a qual fazer política é fazer o bem, que incontestavelmente norteou suas atividades como cientista e homem pública”.

## **As leituras**

É possível perceber, pelo percurso de Bonifácio, que ele deu muito valor às leituras desde criança. O primeiro mestre dele, Frei Manuel da Ressurreição, dizia que ele devorava livros, que, às vezes, as crianças iam brincar e ele queria continuar

lendo. Manuel da Ressurreição conta que só não recomendo à família que fosse padre, porque ficava olhando para toda e qualquer mulher que passava. Bonifácio tentou escrever, depois, uma espécie de diário de leitura, que é uma bagunça. No entanto, brasileiro né senhores, não teve disciplina suficiente. São cadernos sem ordem, tem anotações esparsas. Ele fazia uma espécie de resumo dos livros, tal como estou fazendo aqui, tentando enquadrá-los, analisando as principais palavras. Bonifácio lia avidamente leitura ficcional. Nas cartas que escreveu, no exílio, a um amigo, o qual morava em Paris, pedia livros. Às vezes, as cartas eram só mensagens. Eram dezenas de livros solicitados, uns trinta por mês. Ele era um leitor voraz.

Para coroar a minha ideia de que o Bonifácio é um exemplo desse tipo de autoeducação, trago sua própria afirmação de que o principal mestre dele foi ele mesmo. Bonifácio dizia que teve algum proveito de vários professores, mas o que de melhor fez foi ler pelas manhãs, ter conversações inteligentes ou tomar aulas à tarde e tomar o cuidado de, à noite, fazer também algumas leituras ou convivência social ou algumas anotações pessoais de diário. Percebe-se que ele procurava ter uma disciplina de estudioso, independentemente do curso que estivesse fazendo. Hoje, vinculamos muito o estudo com o futuro profissional. Isso não funcionava para a cabeça do Bonifácio.

## **Conclusões**

São dois homens, um que ajudou a construir a América e faz sua independência, outro que ajudou a fazer a independência do Brasil. Dois homens sobre os quais muito se fala, embora Bonifácio receba menos atenção e, a meu ver, não tenha a estatura que merece na memória popular. Franklin tem esse reconhecimento nos Estados Unidos. Walt Disney tem um desenho, chamado "*Ben and Me*", que conta a vida dele para as crianças. Ele, repito, está na nota de cem dólares, e é conhecido como grande modelo de estudo, como grande modelo moral, social e até de enriquecimento. São dois homens que tiveram feitos na inteligência, na poesia, na tradução, e na sociedade e na política. Ambos atribuem à boa seleção de leitura, à leitura dos grandes autores, à leitura dos grandes clássicos, a sua maior capacidade, a sua capacitação.

Essa aula foi justamente para mostrar para vocês que existem exemplos de pessoas que, educadas da forma como estou propondo, conseguiram alcançar grandes conquistas. Isso que estamos tentando promover com este curso.

## PERGUNTA

- 1) O grupo de autoajuda do Franklin era a maçonaria e como estava a situação dele com a maçonaria na época?

É uma ótima pergunta. O junto não foi criado como maçonaria. A maçonaria tem ritos, um mito dentro dela, tem alguns preceitos. Talvez, você tenha visto intercessão das ideias da maçonaria com aquelas perguntas de aceitação da pessoa para o grupo. Eu acho que o junto é uma coisa a parte, não é a maçonaria. O junto é um grupo sobre o qual ele falou abertamente e que é passível de reprodução. Eu acho que é bem vantajosa essa reprodução.

O Franklin provavelmente foi maçom e pode ter sim trazido preceitos, ideias e princípios da maçonaria, mas fica claro, é só a gente reconhecer., mas o junto é uma obra a parte. Não tem ritual, não tem iniciação.

Eles não se encontravam só para responder a perguntas. Talvez seja bom eu definir melhor qual era a atividade que eles realizavam. O grupo era composto por 12 pessoas. A cada mês, uma pessoa era responsável por apresentar algo sobre moral, sobre literatura, sobre ciência, para os outros. Essa pessoa também podia trazer mais pessoas para apresentar com ela.

Era um grupo mesmo de aprimoramento mútuo. Não é a maçonaria, mas pode ter alguma intercessão.

- 2) Como superar a dificuldade na linguagem da leitura dos clássicos?

A linguagem da leitura dos clássicos às vezes é difícil. A linguagem é uma coisa que eu vou trabalhar. Na primeira aula, eu mencionei que cada livro tem a sua técnica de leitura. Então, por exemplo, na próxima aula, vamos fazer a leitura de alguns textos relacionados ao mito grego. Eu vou indicar o famoso “Édipo Rei” e vocês vão ter que ler. Mas, de qualquer forma, eu vou contar a história passo a passo e vou ler trechos.

Essa missão de você tentar ler é importante. O “Édipo Rei”, por exemplo, é uma peça de teatro. Peça de teatro foi feita para ser encenada. Sem ser encenada em um determinado costume das artes cênicas, que era o costume grego, você vai ter algumas dificuldades. Vai em frente, passa por elas. Não é tão difícil assim. Tenta pegar o fio da meada. É o que eu ensinei que é a primeira leitura. Se você conseguiu



pegar o fio da meada, ou seja, o que conecta uma coisa na outra, ainda que tenha perdido uma parte, você conectou, você já tem na sua cabeça o enredo. Isso é o mais importante que tem. Depois, se quiser, volte ao trecho que você não compreendeu. Mas você consegue pegar aquele trecho e encaixar no enredo que você já entendeu. Então, não se preocupe em entender 100%. Essa coisa de entender 100% página a página é um equívoco.

Em uma primeira leitura, você vai ler na maneira como dá. E eu não recomendo você ficar indo ao dicionário o tempo todo, página a página. Isso vai te atrapalhar, vai cansar, você vai desistir e vai ficar com raiva de mim. Não entendeu, procura entender pelo contexto. Não entendeu pelo contexto, passa. Tenta entender o enredo. Vai pelo panorama, pela visão geral. E passa. No futuro, se você quiser voltar para aprofundar essa leitura, porque você não vai aprofundar todos os livros que eu indiquei, você vai tomar notícia deles, vai ler de alguma maneira, mas se você escolheu um como, por exemplo, essa autobiografia. Você gostou muito do Franklin e você quer ler essa autobiografia e entender algumas partes bem específicas. Como ele foi para guerra? Qual foi a ação dele na guerra? Está explicado no final. Você volta, lê. Você vê quais são os termos difíceis. Ele vai falar de lugares, ele vai falar de pessoas, ele vai falar de termos técnicos da maneira como as forças armadas se organizavam na época, está entendendo? Isso você pode ir pesquisando passo a passo e aí você vai preenchendo as lacunas, mas não é necessário para uma primeira leitura.

3) Por onde começar a estudar José Bonifácio e os Andradas? Existe algum livro comentando o conflito entre Bonifácio e Gonçalves Ledo?

Tem. O conflito entre Bonifácio e Ledo é comentado por toda boa biografia dele. Não tem como fugir disso. Você podem encontrar isso no próprio Otávio Tarquínio de Sousa. Mas, de uma forma um tanto mais atualizada, em um livro da Miriam Dolhnikoff. E, eu tenho recomendado muito, não sobre o Gonçalves Ledo, mas para outra pessoa que pediu os Andradas, o livro da Ana Rosa Cloquet da Silva. Eu não compactuo da visão geral dela. Ela tem uma visão de que o Bonifácio é uma espécie de revolucionário. Não marxista, revolucionário, um homem que interpreta a sociedade e vai lutar por ela e só isso. Eu acho que é um pouco mais profundo do que isso, só que, como historiadora, ela levantou dados de forma responsável. É um livro bem legal sobre a escravidão. Ela analisou bem o pensamento dele sobre a escravidão e sobre nação. Sobre nação, é fantástico esse trecho que ela analisa a visão dele nacional. Para os Andradas em geral, o livro “Os Andradas”, que é escrito

por um jornalista santista muito famoso. São três volumes enormes. Eu adoro essa obra. E explica muito bem também aquilo que falta em outras biografias, quem foram o Martim Francisco e o Antônio Carlos.

4) Na sua opinião, qual a melhor lição que o Bonifácio deixou a sua posteridade?

A maior lição é um tanto pessoal. Eu sou professor. Eu colhi dele aquilo que me interessava. A maior lição é que ele se educou de uma determinada forma e conseguiu, por meio dessa educação, ser quem ele foi. Uma personalidade madura, alguém que no momento que precisava de grandes personalidades, e grandes inteligências, e grandes culturas, ele soube ser, soube se fazer presente, e ele também teve capacidade intelectual. Se ele tivesse durado mais ou se tivesse sido menos ativo na política, ele escreveu isso, que era o que ele queria, ele teria escrito mais poemas, ele teria escrito o diário de viagem dele para ser publicado, ele teria escrito uma obra, porque ele queria escrever ficção e traduzir. Ele teria maior vida intelectual. É um homem que conseguiu abrir para si vários caminhos e escolheu o dele. Ele quis ser mais o patriarca, como ficou conhecido. Quando ele morreu, pediu para escrever em uma pedra tosca um verso de um poeta português que dizia: “eu de uma glória só fico contente, que à minha terra amei e à minha gente”. Então, para mim, o amor à pátria é a tônica da vida dele, foi a grande opção dele. Então, se ele quisesse, ele teria priorizado a vida intelectual, a vida de poeta. Mas ele priorizou o amor à pátria, então ele priorizou as ações políticas pelo Brasil.

5) Por que Franklin, sendo um dos pais fundadores dos Estados Unidos, nunca se tornou presidente tal como os demais?

O Franklin era muito velho. Se você observar, ele era um dos mais velhos do panteão dos *founding fathers*. Quando eles estão escrevendo a constituição, é 1787. Essa constituição de 1787 ainda vai passar pelos estados, que eram as antigas colônias, estado por estado, para eles aprovarem. Ele nasceu em 1707. Então, ele tinha 80 anos. Ela passou por aprovação e em 1789 George Washington é eleito primeiro presidente. E não tinha como competir com o George Washington no momento e nem o Franklin queria.

George Washington era um herói de guerra, não porque foi lá, no maior estilo de filmes de hollywood, e desviou de balas e arrancou cabeças. Senhores, ele organizou um exército para enfrentar o maior exército do mundo e ele ganhou. Além disso, os Estados Unidos estavam tão desorganizados que não conseguiam mandar

munição, armas e alimentos. Ele sustentou do bolso dele e da esposa o exército continental por um tempão. A esposa era muito muito rica e o dinheiro foi para sustentar a causa da guerra. O homem é louvável mesmo. E ele era uma espécie de representante mesmo dos Estados Unidos, porque estava entre as polarizações. O Franklin era um homem assim também. Era só o Franklin e o Washington, mas o Franklin não vai mais querer participar, ele vai falecer pouco tempo depois, inclusive. Ele fica muito feliz com o resultado da constituição. A última anedota pública que eu conheço dele é quando a constituição é definitivamente aprovada e depois ratificada pelos estados. Na verdade, quando ele lê o documento, ele diz que tinha um quadro atrás do Washington, que era o presidente da convenção, e o quadro era um sol que estava ou saindo ou se pondo. E ele dizia que estava ansioso para descobrir se era um sol poente ou um sol nascente. Depois que ele leu o texto da constituição, ele descobriu que era um sol nascente. Então, ele ficou muito feliz com a constituição.

Franklin realmente já tinha feito tudo que tinha para ser feito e ser presidente já não fazia mais parte das ambições dele.

- 6) O senhor segue a sugestão do professor Olavo de dividir os livros em ficção, filosofia e etc., naquelas proporções. Se isso tem alguma relação com o seu método e como você recomendaria que um jovem adulto hoje possa ter algum método de estudo?

Não, na verdade, o meu caminho, claro que tem intercessão em alguma medida, porque sendo aluno do professor Olavo de Carvalho, tento seguir os seus parâmetros, mas esse curso é menor do que o parâmetro exigido. Pode ver que é um curso de 12 aulas. São aproximadamente 35 a 40 unidades de leitura que eu recomendo. O Olavo recomenda 60. E sim, tem vários gêneros literários. Hoje, nós tratamos da biografia e da autobiografia, que são subgêneros do gênero história. Na aula passada, eu ensinei a ler história. A próxima aula vai ser sobre teatro, ao qual deve ser aplicado o que eu apliquei na aula anterior sobre leitura ficcional. E eu dei um pormenor do teatro que é a tentativa de assistir às peças. Se você puder assistir a Édipo Rei e ler.

7) Sugira, por favor, uma obra de ficção e uma de não-ficção relacionada à Revolução Americana.

A obra de não-ficção até já indiquei aqui, que é a autobiografia do Benjamin Franklin. Se você não leu ainda, leia. Senão, se é sobre a revolução americana mesmo, sobre o processo revolucionário, eu recomendo a biografia de algum dos pais

fundadores que você mais goste. Acho que é a maneira mais interessante de você começar. Em português tem poucas, mas eu vou dar um anúncio para vocês ficarem animados. Eu estou trabalhando, juntamente com um amigo de Curitiba que tem uma editora, na tradução de biografias dos pais fundadores, uma nova tradução da constituição americana, uma nova tradução sobre os artigos federalistas. É uma coleção. Eu estou escrevendo as introduções.

Ficção eu vou ficar te devendo. O livro do Joseph Ellis, sobre o próprio Washington, "*His Excellency*", é muito bom. O livro do próprio Ellis sobre o Thomas Jefferson "*American Sphinx*", a esfinge americana, é muito bom. O do John Adams, escrito pelo McCullough, que deu origem à série John Adams. Ficção cinematográfica tem "O patriota". Embora ficcional, o cenário está muito bem pintado. O cenário da revolução americana. Perceba que ele tem a machadinha indígena, ou seja, era o americano que era fazendeiro, mas aprendeu a guerrear porque participou da guerra contra os franceses e os indígenas. Está muito claro isso. Mostra as reuniões que eles tinham nas diversas colônias, a transição e a vitória quase impossível. É uma ficção muito boa.